

humanitas



Vol. LXIII
2011

NDOYE, Malick, *Groupes sociaux et idéologie du travail dans les mondes homérique et hésiodique*, Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2010.

Embora relativamente desconhecido entre nós, Malick Ndoye tem já vasto currículo de investigação sobre o tema do trabalho escravo no mundo clássico. Este trabalho é uma publicação da sua tese de doutoramento, diz o autor no prefácio, com a devida vénia de revisão.

A sua introdução fornece noções básicas ao estudo dos *Poemas Homéricos* (desde noções gerais da epopeia, data da organização em 24 cantos, passando pelas teses dos Analíticos e dos Unitários) e, em Hesíodo, sobretudo ao estudo de *Trabalhos e Dias*. É de ressaltar o seguinte na introdução: ainda que concordemos com a explanação do autor sobre alguns elementos históricos nos *P. H.*, comprovados pela arqueologia, não podemos admitir a precisão temporal da Guerra de Tróia (em 1225 a. C!), nem a própria composição dos *Poemas*.

Daqui, então, propõe-se Ndoye analisar as actividades económicas, ou a falta de “noção de trabalho”, “ce qui dans les actes (*erga*) des Achéens relève du travail et quels jugements suscitent les différentes activités économiques. Il s’agit aussi d’étudier à quelles activités s’adonne chaque individu selon son statut social, dans quelles conditions et pour quel objectif, et quels types de relations s’établissent entre les hommes lors de l’exécution de leurs tâches.”

Concentrando-se primeiramente em Homero, Ndoye começa por definir o que entende por *oikos* e os senhores que o governam, os *aristoi* ou os “*paysans*”, e onde se irá focar toda a “actividade pessoal”: expressão que engloba toda a família e onde importa assegurar a autarcia individual. Categoriza o trabalho pelo seu valor mítico e/ou prático, consoante se reporte a figuras de alto coturno ou mais baixas, respectivamente; categoriza-o ainda em actividades realizadas por homens ou mulheres. Nota-se, a partir desta altura, a metodologia severa do seu trabalho: exposição de conceitos, apresentação de provas que evidenciam o que explicou e refutação das mesmas, quando há excepções. Dedicou um subcapítulo a falar sobre “actividades utilitárias”, que poderia denominar por “actividades de subsistência” uma vez que discorre sobre a saciedade da fome através da caça, pesca e mesmo da mendicidade, e dedica ainda um outro sobre aquisição de riqueza fora do *oikos*, através de actividades ilícitas ou trocas de presentes em ocasiões de hospitalidade; Malick Ndoye faz também

menção à possível utilização do comércio, ainda que observe que não há uma linguagem precisa para traduzir a ideia de comércio nos *Poemas Homéricos*.

Já em Hesíodo, o autor afirma que há um emprego absolutamente claro de *ergon* no sentido de ‘trabalho’. Relembra a função didáctica da obra e repete a informação do autor grego: para sair da miséria, há necessidade de recorrer ao trabalho e isso não é vergonhoso. O trabalho ao qual se refere é, sobretudo, agrícola e pastoril e é uma necessidade associada às classes mais baixas. Há noção de comércio em Hesíodo, aliás comércio especializado, com a introdução do vocábulo *kerdos* com o sentido de comércio lucrativo.

Na segunda parte do seu trabalho, vai o autor analisar a noção de demiurgos, *thetas*, *therapontes* e trabalho por conta de outrem. Respektivamente, os primeiros são os que se relacionarão com actividades fora do *oikos*. São associados a actividades que requeiram *tekne* (que vão desde profissões metalúrgicas até à poesia dos aedos). Os segundos são livres e recebem o *misthos* (um prémio prometido e seguro) pelo serviço prestado. No entanto, explica Ndoye que, de tão pobres, submetiam-se inclusive a trabalho escravo e que durante o tempo de “contrato” eram considerados propriedade (com um “certain caractère servile”). Os terceiros, na *Ilíada*, são os nobres guerreiros e funcionam numa espécie de sistema de vassalagem, *avant la lettre*; já na *Odisseia*, são servidores de condição modesta ligados a actividades domésticas, acabando por concluir que, em qualquer dos casos, “le travail pour autrui entraîne irrémédiablement une perte de liberté et est plus ou moins dévalorisant pour les aristocrates.”

O terceiro capítulo é um tanto livre em relação ao que se propõe em cada título, repetindo, por diversas vezes, informação já analisada anteriormente. No entanto, é aqui que reside grande parte dos estudos deste investigador: sobre trabalho escravo. Inicia, pois, o capítulo a falar sobre a inexistência de grandes obras recentes sobre o trabalho em geral, na Antiguidade, e sobre a indefinição do que é ou não considerado trabalho, inclusive, escravatura, pois muitos dos termos que se usam para indicar um escravo aplicam-se também a homens livres, de que é exemplo *dmos*. Continua a análise terminológica de substantivos para prisioneiros de guerra (*andrapodon*, *gune*, *koure*) e de cativos que se tornam escravos uma vez introduzidos no *oikos*, denominando-os de “massa servil” onde inclui *dmos* e *oikeus*, bem como *amhipolos*, *drester* e *dresteira*, *aletris*, *thalamepolos*, *tamie*, *trophos*, *titene*, *greus* para funções geralmente

femininas; e *suphorbos*, *subotes*, *boukolos*, *aipolos*, *loutroxoos* para funções geralmente masculinas; faz ainda menção aos termos *doulos* e *pallakis* mas reserva-os para homens livres reduzidos a cativos e à concubinação, respectivamente.

Nesta última parte do capítulo, a organização dos temas aparece um pouco desordenada: aparece um subcapítulo dedicado às 1) práticas sexuais; um de novo acerca das 2) funções do trabalho escravo; destina um subcapítulo inteiro a 3) Eumeu (como quem distingue, enaltecendo-o, mas não termina aqui o seu trabalho) e, por fim, aborda o tema da 4) liberdade, fuga e revolta dos escravos. Primeiro, analisa levemente a união entre escravos e a de escravos com homens livres, confirmando que “le propre des prisonnières et des esclaves est d’être dépossédées de leur corps au profit du vainqueur ou du maître qui peut en faire des concubines, voire des épouses légitimes”, explorando inclusivamente os conceitos de monogamia/poligamia, esposa legítima/concubinação, filhos legítimos/filhos bastardos. Sobre o segundo ponto, não nos vamos referir de novo à repetição de elementos do trabalho escravo. Em terceiro lugar, o destaque dado ao porqueiro Eumeu destina-se a revelar a caracterização paradoxal que Ndoye lê na *Odisseia* sobre esta personagem: Eumeu é um *oikeus* que foi comprado por Ulisses, mas é o chefe dos porqueiros. Tem, no entanto, bens pessoais e tem iniciativa para as actividades domésticas sem consultar os senhores. O que o torna especial para esta teoria, continua, é o facto de comer carne em tempo de gasto extraordinário com os pretendentes no palácio de Ulisses, cujo consumo deveria ser guardado para uma ocasião especial. Pergunta o autor se será por isso que é apelidado de «divino», porque tem acesso a um bem destinado a aristocratas. Para terminar, é bastante breve aquilo que se diz sobre liberdade, fugas e revolta dos escravos: podiam comprar a sua liberdade os escravos com algum maneio; quanto a fugas e revoltas, o autor refere que a epopeia é parca em exemplos.

Para concluir, quanto à formatação do livro, em alguns passos não é uniforme apresentando dois tipos de letra no corpo do texto. Por outro lado, é de enaltecer a enorme utilidade dos índices de nomes, do corpus lexical em tabelas, organizado por capítulo e subcapítulo.